

REPETIR, SIMBOLIZAR E RECORDAR. ¹

“O que é nosso passado senão uma série de sonhos? Que diferença pode haver entre recordar sonhos e recordar o passado?”
(Jorge Luiz Borges: Borges, Oral, 1979).

“Se nossa visão da memória é correta, em organismos evoluídos cada ato de percepção é, em algum grau, um ato de criação e cada ato de memória é em algum grau, um ato de imaginação”.
(Gerald M. Edelman; Giulio Tononi: A Universe of consciousness, 2000).

Raul Hartke ²

A rememoração de representações psíquicas tornadas inconscientes pela repressão (lato sensu) sempre ocupou uma posição central na teoria e na técnica psicanalíticas desenvolvidas por Freud. E isso mesmo após seu reconhecimento de que o id alberga também pulsões sem representação (Freud, 1923; Green, 1995a) e de que, com grande freqüência, as construções do analista não têm como promover a recordação de experiências ou processos psíquicos internos, produzindo, não obstante, um efeito terapêutico idêntico (Freud, 1937b).

Em suas últimas formulações, Freud diz que a tarefa genuinamente analítica (1937a) consiste na revisão *a posteriori* (*Nachträglich*) de processos repressivos primitivos, usados pelo ego infantil como seu único recurso possível na luta contra as pulsões ameaçadoras. Tal revisão possibilita a substituição destas repressões primevas por reações condizentes com uma condição psiquicamente mais madura. Essa tarefa exige a rememoração, a reprodução na esfera psíquica, das experiências, moções afetivas e conflitos infantis esquecidos, responsáveis pelas referidas repressões. A consideração à intensidade relativa das forças em conflito (ego e pulsões) constitui segundo Freud (1937a) uma valorização do ponto de vista econômico, ao lado do topográfico e do dinâmico.

Em consonância com estes objetivos terapêuticos parece-me que Freud sempre sustentou uma concepção do aparelho psíquico centrada basicamente na memória. Isto é explicitado nos conhecidos modelos propostos na Carta 52 (Masson,

¹ Relatório apresentado para o painel “El psicoanálisis cura aun mediante la rememoración?” desenvolvido no 45º Congresso da International Psychoanalytical Association, em 25/07/2007, Berlin, Alemanha.

² Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, RS - Brasil.

1985) e no capítulo sete da Interpretação de Sonhos (Freud, 1900). Não encontro evidências de que tal ponto de vista tenha sido abandonado após a introdução da chamada “segunda tópica” (Freud, 1923).

Minha contribuição para o presente painel não abordará o papel da memória no funcionamento mental (algo que considero indiscutível) mas sim o lugar e função da rememoração no processo terapêutico psicanalítico (algo atualmente questionado).

Para desenvolvê-la, tomarei como ponto de partida a concepção de Bion (1962, 1963) sobre o aparelho psíquico como um aparelho para gerar pensamentos e para pensá-los, isto é, para criar e utilizar formações simbólicas. E mais: um aparelho que nasce e se desenvolve em função da relação com um outro já capaz de um funcionamento psíquico adequado. Penso que a teoria de Winnicott (1971) sobre o *espaço potencial*, constitutivo do psíquico *stricto sensu*, também concebe a mente basicamente como geradora de símbolos, embora esteja baseada em premissas diferentes daquelas de Bion. Vou, assim, considerar o aparelho mental essencialmente um *aparelho de simbolização*.

A meu ver, essa formulação abre um novo espaço de reflexões e implicações teóricas, clínicas e técnicas, incluindo modificações quanto ao lugar e função da rememoração no processo terapêutico.

Como é sabido, graças à função alfa e ao aparelho de pensar postulados por Bion (1962), este aparelho de simbolização é responsável não só pela transformação de percepções e emoções brutas em elementos psíquicos - simbólicos- como pelo desenvolvimento destes últimos em termos de diferentes níveis de abstração e complexidade, bem como por seus distintos usos possíveis. Existe também a possibilidade de uma reversão da função alfa, com a geração dos chamados “objetos bizarros” (Bion, 1962), isto é, percepções e emoções com fragmentos de funções psíquicas agregados.

Valendo-se de Bion, Meltzer (1986) enfatiza que a capacidade de formar símbolos autônomos, idiossincráticos, para representar o significado das experiências emocionais constitui a essência da mente. Possibilita guardar essas experiências como recordações (memória como função psíquica), usá-las para pensar, e transformá-las em diferentes formas simbólicas de comunicação, o que é diferente de apenas registrar e reter fatos (memória como propriedade cerebral) manipulá-los logicamente e transmiti-los como bits de informação. Nesse contexto,

eu destacaria, para os propósitos deste relatório, a sua observação de que grande parte do funcionamento humano, como, por exemplo, as funções corporais, as reações e atos adaptativos habituais, automáticos, as condutas sociais convencionais, são não simbólicas, não-mentalizadas ou, pelo menos, proto-mentais. Baseiam-se em padrões inatos, condicionamentos, treinamentos ou imitação das qualidades externas dos outros.

Todos esses diferentes níveis e usos das formações psíquicas, incluindo fatos não digeridos psiquicamente bem como fenômenos “bizarros” podem ser encontrados no espaço analítico, no analisando no analista ou no par. Com o objetivo de orientar-me e trabalhar analiticamente com eles, valho-me de um “instrumento de navegação” constituído por uma adaptação da conhecida grade de Bion (1963,1977). Seguindo uma sugestão sua, disponho-a em um sistema de coordenadas cartesianas, alterando, porém a distribuição e polarização dos níveis e usos das funções psíquicas, bem como contemplando também os fenômenos negativos, consoante sua proposição de uma grade negativa (Bion, 1963). (Figura 1). Vou utilizá-la no presente relatório para expor e fundamentar meus pontos de vista acerca dos objetivos e dos procedimentos técnicos da psicanálise na atualidade, incluindo, naturalmente, os significados e a função da memorização, bem como da repetição e de outros fenômenos correlatos.

No eixo vertical estão dispostos os diferentes níveis de elaboração psíquica ou de abstração como diz Bion (1963,1977), mas em posição inversa à de sua grade. No extremo superior, positivo, situam-se as formações maximamente simbólicas, resultantes do trabalho da função alfa e do aparelho de pensar (Bion, 1963,1977). No inferior, negativo, estariam os fenômenos “bizarros” (Bion, 1962) decorrentes da inversão da função alfa.

No eixo horizontal localizam-se os diferentes usos possíveis das formações psíquicas. No pólo direito, positivo, tal uso objetiva aprender da experiência emocional. No outro, negativo, visa à evasão desta experiência.

No ponto zero, isto é, no cruzamento dos dois eixos, encontram-se os fatos não-digeridos psiquicamente, descritos por Bion (1962) como elementos beta.

O quadrante superior direito acolhe o que chamaria de imaginação criativa, equiparável ao brincar conforme descrito por Winnicott (1971). O superior esquerdo contém as defesas neuróticas classicamente descritas, correspondentes à coluna 2 da grade de Bion. Inclui o devaneio neurótico referido por Winnicott (1971). O inferior

esquerdo corresponde às defesas psicóticas e deixaria o direito em aberto, para investigar a possibilidade de formações psicóticas serem usadas objetivando aprender da experiência.

Na verdade, além destes dois eixos referidos -horizontal e vertical, x e y- tenho também incluído um terceiro, o eixo “z”, relativo ao tipo de relação objetal (Figura 2). No pólo anterior situaria as relações essencialmente narcísicas e no posterior aquilo que Bion (1992) chama de “social-ismo”, por oposição ao narcisismo. Essa apresentação, no entanto, tornaria mais complexa e demorada minha exposição de hoje. Assim, restrinjo-me a referir que no quadrante superior direito posterior estariam incluídas as construções simbólicas usadas para aprender da experiência nas relações afetivas íntimas (Meltzer, 1986). Em outros termos, representaria o “brincar compartilhado” descrito por Winnicott (1971), essência do viver criativo e da saúde mental.

Os fenômenos situados em cada um desses quadrantes têm, no espaço analítico, diferentes características fenomenológicas, distintas manifestações transferências e contratransferências e também demandam variadas formas de trabalho analítico. Apenas para exemplificar, diria que quanto mais típicos do quadrante superior esquerdo, mais apresentam as propriedades descritas classicamente por Freud e mais se prestam à técnica psicanalítica por ele proposta. Quanto mais rentes ao eixo horizontal, mais necessitam o empréstimo da mente do analista, com sua própria função alfa, capacidade de *reverie*, etc, para, como diz Meltzer (1986), sonhar pelo paciente a experiência emocional que ele próprio não consegue sonhar. Além disso, mostram-se úteis, em tais estados, o que chamo de “interpretações treliças”, (Hartke, 2005), pensando nas estruturas usadas nos jardins para favorecer o crescimento de certas folhagens. Equiparam-se, provavelmente, às intervenções não saturadas descritas por Ferro (1995). O objetivo seria favorecer o processo de simbolização. O espaço analítico funciona, nesses casos, como uma espécie de “incubadora de símbolos” (Hartke, 2005). Quanto mais classificáveis no quadrante inferior esquerdo mais provavelmente o *setting* transforma-se em um ambiente de *holding*, no sentido que Winnicott (1965) dá a esse termo.

Cito tais situações apenas como exemplos das possibilidades de uso do diagrama. O fundamental nisso tudo é constituído, a meu ver, pela necessidade e importância de identificar e conceitualizar os diferentes tipos de fenômenos clínicos encontráveis no espaço analítico, mesmo no transcorrer de uma única sessão, e que

demandam mudanças condizentes na modalidade de trabalho analítico. Assim, a repetição em ação descrita por Freud em 1914 poderia ter, na verdade, diferentes significados. Corresponderia a um fenômeno localizável rente ao eixo horizontal mas suscetível de ser usado tanto para evasão do aprender da experiência (repetir resistencialmente, para não recordar) como para comunicar ao analista experiências ou vivências não verbalizáveis, por exemplo. Nesse último caso, situar-se-ia em algum ponto mais à direita. É preciso salientar, porém, que como qualquer outro fenômeno humano, seu ponto de localização variaria em cada caso dentro da faixa acima referida (isto é, mais ou menos rente ao eixo horizontal mas em diferentes pontos possíveis entre os pólos direito e esquerdo).

O objetivo é sempre situar os fenômenos que estejam ocorrendo na relação analítica, seja no analisando, no analista ou no par. Desta forma, um sonho – produto eminentemente simbólico – pode, no entanto ser relatado pelo analisando, *na sessão*, como um fato, quase como algo pertencente a uma outra pessoa. Ou seja, nesse momento, como uma forma não-simbólica, não mentalizada. Pode, ademais, ser contado com o objetivo de evadir-se do contato com uma experiência emocional vigente no aqui e agora, constituindo, assim, um fenômeno clínico “coluna dois”, isto é, pertencente ao quadrante superior esquerdo.

Tudo isso, como já referi, é também válido para o funcionamento do analista em sessão. Assim, para mim, o conceito de *reverie* deveria ser restrito aos fenômenos na mente do analista situáveis no quadrante superior direito posterior, isto é, formações imaginativas originadas do contato emocional íntimo com o paciente e usadas para conhecer o que está ocorrendo naquele momento no espaço analítico. Dificilmente algo surgido na mente do analista durante uma sessão nada teria a ver com o que está ocorrendo na relação naquele momento. Em outras palavras, não deixaria de localizar-se em algum ponto ao longo do eixo “z” positivo, posterior. Mas acho também prudente não excluir totalmente a possibilidade de pertencer ao segmento anterior, narcisista. Neste caso não a consideraria uma *reverie*. Ademais, pode sempre ser usado pelo analista para evasão da experiência emocional presente e também nessa circunstância não a categorizaria como *reverie*. Cogito, além disso, a possibilidade de que a “figurabilidade”, tão proveitosamente descrita pelo casal Botella (2002), representa um fenômeno também categorizável no quadrado superior direito posterior, mas bem mais próximo do eixo horizontal. Ou seja, um fenômeno com pouca elaboração psíquica, uma quase-alucinação,

conforme os Botella (2002), mas surgido *na e pela* relação e usado para conhecer o que está ocorrendo com o paciente.

Em decorrência da concepção do aparelho psíquico essencialmente como um aparelho de simbolização e das implicações dela decorrentes, algumas delas expostas em minha exposição sobre a adaptação da grade, muitos analistas contemporâneos – e me incluo entre eles – consideram que o objetivo último e o fator curativo específico da psicanálise consiste basicamente em ampliar as potencialidades do analisando de processamento psíquico, aumentando, dessa forma, sua capacidade de continência (Bion, 1962) às emoções. Segundo as palavras de Ferro (1995), sempre tão bem afinadas ao pensamento bioniano, consiste em possibilitar “... uma expansão da mente e da possibilidade de pensar” (p. 27). Nos termos do diagrama, consiste em levar o funcionamento mental o máximo possível em direção ao quadrante superior direito posterior. Com isso, haverá menos necessidade de recorrer aos mecanismos defensivos classicamente descritos. Nos termos empregados por Freud em suas últimas concepções sobre a tarefa terapêutica, citadas no início deste relatório, consiste no amadurecimento do ego para que ele possa então renunciar às defesas arcaicas. Existe, assim, uma mudança crucial de objetivos, desde as defesas e resistências em direção à ampliação das capacidades de simbolização do ego – dos conteúdos para o continente (Ferro, 1995) -, considerando a sua incapacidade relativa ou primária para realizar este trabalho. A formulação é, portanto, mais ampla que as proposições freudianas no sentido de conscientizar o inconsciente ou tornar ego onde estava o id, na medida em que envolve fundamentalmente transformar em psíquico –tanto consciente quanto inconsciente- o que até então era proto-mental. Em termos bionianos isso ocorre graças a uma ampliação da função alfa (da qual a *reverie* é um dos fatores) e do aparelho de pensar (Bion, 1962), propiciada pela relação com um objeto com capacidade de continência, *reverie*, capacidade negativa, etc (Bion, 1962,1970).

No meu modo de pensar, todas essas últimas considerações não excluem o trabalho analítico nos moldes gerais classicamente propostos por Freud com certos pacientes ou, melhor, em determinados períodos das análises ou momentos de sessões, segundo sugeri ao descrever os empregos possíveis da adaptação da grade de Bion. Entretanto, a remoção de defesas e a recuperação de memórias inconscientes não constituiria o fator terapêutico em si, como propunha Freud, mas

sim apenas um meio, um instrumento, um caminho para auxiliar o analisando a ampliar sua capacidade geral de processar e simbolizar as experiências emocionais, conforme já referi. Nessa mesma direção, Sugarman (2006) considera que a ação terapêutica da psicanálise não deriva da conscientização em si de conteúdos psíquicos específicos rechaçados mas sim de uma ampliação geral da *capacidade de insight (insightfulness)* que isso propicia. Em outras palavras, do acesso a uma "mentalização" até então repudiada ou inibida, passando de um modo de funcionamento baseado sobretudo na ação para um nível simbólico verbal de organização da mente.

Para expor minha posição especificamente quanto às formas de memória encontráveis no espaço analítico bem como ao lugar e função da rememoração no processo terapêutico valho-me outra vez da adaptação da grade de Bion. Distingo as seguintes possibilidades:

1) Memória como registro e preservação de fatos não-digeridos psiquicamente, classificável em torno do ponto zero do diagrama. É possível que as chamadas "memórias procedurais" (Schacter, 2001) possam ser categorizadas dessa mesma maneira. Constituem "*maneiras-de-vivenciar o outro*" (*way-of-experiencing the other*) (Fonagy, 1999) que, embora derivadas de experiências relacionais precoces, não são conscientes nem tampouco inconscientes. São registros não simbólicos, sem conteúdos psíquicos rememoráveis. Podem, no entanto, ser posteriormente representados psiquicamente e modificados através de sua constatação, interpretação e elaboração na relação analítica.

Outro tipo de memória classificável nessa primeira categoria seria constituído pelo registro de certas experiências traumáticas que são relatadas pelos pacientes como fatos quase alheios a eles e não vividas como uma experiência psíquica pessoal. Ou, então, situações nas quais as pessoas, como diz Bion (1970), sentem a dor (ou o prazer) mas não conseguem sofrê-la nem, portanto, descobri-la.

Afora isso, penso que não deveríamos classificar como psíquica *stricto sensu* a reprodução decorada de uma frase em uma língua absolutamente desconhecida, sem nenhuma compreensão do seu significado, por exemplo. E isto apesar de estarmos, nesse caso, usando memória, palavras, etc.. Cito tal situação como um caso extremado, entre tantos outros muito mais sutis e cotidianos, da reprodução de conteúdos supostamente psíquicos, mas, na verdade, não processados mentalmente.

2) Memória como fenômeno já psíquico, isto é, processado pela função alfa, mas utilizada para evitar o contato verdadeiro com a experiência emocional vigente em um momento seja *na* relação, seja *da* relação em si. Em outros termos, como um fenômeno classificável em algum lugar do quadrante superior esquerdo, correspondente a diferentes níveis de abstração na coluna dois da grade de Bion (1963,1977).

3) Memória como função psíquica empregada para aprender da experiência emocional nas relações íntimas e para criar representações simbólicas destas experiências, ou seja, memória situável no quadrante superior direito posterior. Esta forma de memória ou, mais provavelmente, uma forma muito especial dela, é constituída pelo que Bion (1970) chama “*dream-like memory*” (p.70). Ele a considera a essência do trabalho analítico, sendo favorecida pela supressão da memória, desejo e compreensão. É espontânea, não procurada, surgindo de um modo inesperado, nitidamente, com aparência de um todo coerente, e desaparecendo sem vestígios. Segundo Bion (1970) é memória da realidade psíquica, a qual é inapreensível aos órgãos dos sentidos. É essencial para o contato com essa experiência psíquica bem como para sua “evolução” e transformação em crescimento psíquico, tanto do analisando como do analista, crescimento este que é sempre atemporal e catastrófico. Em suma, é crucial à imprescindível transformação do conhecer e do compreender em direção a *ser*.

Difere, assim, da memória comumente considerada, que consiste em tentativas conscientes de recordar e tem um transfundo dominante de sensorialidade. Esta última memória serve como defesa contra o temor ao aparecimento de algo desconhecido e incognoscível (no sentido que pode apenas ser vivido) e nela o tempo é essencial.

Onde poderíamos situar as *dream-like memories* no diagrama? No ponto mais distal possível do quadrante superior direito posterior? Em qualquer caso, onde quer que a localizemos, estará à beira do infinito obscuro e informe da coisa-em-si, incognoscível, do qual o geômetra nos resgatou com a invenção das coordenadas cartesianas!

Justamente pelo temor ao cataclismo emocional diante da “mudança catastrófica” derivada deste “estar-de-acordo” consigo mesmo (Bion, 1970, p. 109) a tendência do analisando, do analista ou do par analítico é recuar diante das *dream-like memories*, em direção a outros quadrantes do diagrama.

Sintetizaria a situação geral da rememoração no processo terapêutico analítico quando concebido nos moldes defendidos neste relatório, da seguinte maneira: precisamos conseguir “sonhar” (no sentido de *dream-work-alfa*; Bion, 1992) nossas próprias *memórias* (isto é, armazenamento de fatos-não-digeridos) para que possamos assim transformá-las em *recordações* (constituídas com elementos alfa) e usá-las então para aprender da experiência em nossas relações íntimas.

Além disso, é mister não confundirmos o revestimento sensorial necessário para tornar as emoções apreensíveis ao “órgão sensorial para a percepção das qualidades psíquicas”, isto é, à consciência (Freud, 1900; Bion, 1962), com as emoções em si, as quais não possuem forma, cheiro, cor, etc. Baseando-me em Bion, chamo esse processo de revestimento sensorial das emoções de “*alucinância originária*”. Ele funda a mente e é observável em nossos sonhos noturnos. A “alucinose”, descrita por Bion (1970), consiste, para mim, na confusão entre este revestimento sensorial e a emoção em si. Portanto, após usarmos a memória para conhecer e compreender a realidade emocional vigente na sessão, necessitamos ainda não cair no risco sempre presente desta alucinose.

Penso cada vez mais (Hartke, 2006) que o processo de geração, desenvolvimento e uso das formações simbólicas tem como seu melhor lócus de observação e de trabalho analítico os fenômenos que ocorrem *entre* o paciente e o psicanalista. Em outras palavras, no *espaço potencial* descrito por Winnicott (1971), esta área intermediária lúdica na qual tudo é, ao mesmo tempo, objetivamente percebido e subjetivamente concebido. Um espaço de transformações (Bion, 1965; Ferro 2005), de metaforização (Modell, 2006), de transcendência bem como de multiplicação de vértices (Bion, 1965; Meltzer, 1986) das percepções e emoções brutas, da história e dos objetos internos. Em consonância, meu objetivo técnico é alcançar o “brincar compartilhado” com o analisando sabendo, entretanto, que ele, eu ou nós dois, como um par, estaremos a maior parte do tempo incapazes ou resistentes a isto. Seja através do colapso do espaço devido a uma vivência de fusão com o outro, seja pelo refúgio em um brincar onipotente, mágico, ou mesmo por um brincar sozinho na presença de alguém confiável. Além disso, existe a possibilidade de um desvio excessivo em direção ao objetivamente percebido, levando à perda de contato com a imaginação criativa, ou para o lado do subjetivamente concebido, fazendo com que a realidade externa se torne um fenômeno essencialmente subjetivo. Assim, atento não apenas para as condições

de funcionamento da associação livre do paciente e da atenção uniformemente flutuante de minha parte, mas também, e quiçá principalmente, à possibilidade ou não do “brincar compartilhado” entre nós dois. O modelo referencial de meu procedimento técnico é o “jogo do rabisco” (*squiggle game*) proposto por Winnicott (1968), evidentemente verbal neste caso. Acho-o comparável à técnica de “exploração” compartilhada dos sonhos descrita por Meltzer (1983) e considerada por ele como a base mais importante para o desenvolvimento da capacidade de auto-análise do paciente. As outras formas de intervenção constituem recursos na busca deste objetivo.

A experiência do brincar compartilhado no espaço analítico poderá então ser internalizada pelos participantes da dupla, cada qual a seu modo. A internalização irá constituir ou ampliar o espaço lúdico interno de simbolização, isto é, a mente propriamente dita. De certa forma, penso em um *espaço alfa*, gerador da função alfa nas mentes individuais. Nesse sentido refiro-me, ludicamente, a uma concepção “*entresubjetiva*” mais do que intersubjetiva. Sob tal vértice, apesar de depender dos indivíduos e existir através deles, o psíquico nasce e desenvolve no espaço relacional com o outro. Nessa mesma direção, e também inspirado em Winnicott, Ogden (1997) propõe que o processo analítico resulta na construção de um “*espaço onírico intersubjetivo*” (p. 108) que possibilitará “... a expansão da capacidade do analista e do analisando para criar “um lugar para viver” na área da experiência que existe entre a realidade e a fantasia” (p.121). De um modo semelhante, porque também valorizando algo que tem a ver com o *espaço potencial* lúdico descrito por Winnicott (1975), Green (1995b) vincula a normalidade psíquica e o objetivo da análise a uma ampliação daquilo que chama “*processos terciários*”. São processos que colocam os processos primários e secundários em uma relação simultaneamente de conjunção e disjunção, de um modo tal que cada um deles fertiliza o outro com as suas propriedades favorecedoras de um funcionamento mental otimizado entre a criatividade e a estabilidade, e, ao mesmo tempo, limita aquelas dificultadoras desse objetivo. Capacidade lúdica, junto com a capacidade de se emocionar, nas *relações* humanas, constituem, para mim, critérios essenciais de saúde mental e, portanto, objetivos terapêuticos básicos.

Para finalizar quero enfatizar que todo esse processo de expansão da capacidade de mentalização só se torna possível a partir de uma base constituída pela relação com um objeto com capacidade de acolhimento às emoções,

continência, “capacidade negativa”, *reverie*, tolerância à dúvida e a um sentimento de infinitude, etc. descritos por Bion (1962,1970). Tudo isso envolve uma capacidade de “adaptação suficientemente boa” (Winnicott, 1955) do funcionamento mental do analista em sessão, ou, como diz Ferro (2005), de “modulação” do campo analítico. Para mim, tal “ambiente” emocional constitui não apenas uma condição necessária para que as intervenções do analista propiciem a expansão da mentalização, como representa em si um fator terapêutico, no sentido de possibilitar uma experiência relacional mutativa. Assim, por exemplo, a permanente tentativa de Ferro (2005) para alcançar sintonia e estar em uníssono (*at-one-ment*, Bion,1970)) com seus pacientes, valendo-se dos retornos inconscientes que eles lhe dão acerca das condições presentes da relação constitui, a meu juízo, algo terapêutico em si mesmo. Existem vários aspectos que precisariam ser debatidos acerca deste fator bem como da técnica para instalá-lo e procurar mantê-lo, mas isto já foge aos meus objetivos presentes, isto é, à discussão da função da rememoração no processo terapêutico. Enfatizo apenas que a sintonia emocional e as intervenções do analista possibilitam-se e se complementam mútua e recursivamente.

O diálogo sobre a invenção da escrita, entre Sócrates e Fedro, relatado no Fedro, de Platão, poderia servir como ponto de partida e metáfora profícua para as formulações acerca da rememoração no processo analítico defendidas neste relatório. O deus Theuth, inventor mítico do número, do cálculo, da geometria, astronomia, jogo de damas, de dados e, sobretudo, da escrita, visita Tamos, rei de todo o Egito, procurando convencê-lo que esses inventos deveriam ser distribuídos a todos os habitantes. Quanto à escrita diz o seguinte: *“Este é um ramo do conhecimento, ó rei, que tornará os Egípcios mais sábios e de melhor memória. Está pois descoberto o remédio da memória e da sabedoria”*.

Mas Tamos lhe retruca: *“Engenhosíssimo Theuth, um homem é capaz de criar os fundamentos de uma arte, mas outro deve julgar que parte de dano e de utilidade possui para quantos dela vão fazer uso. Ora tu neste momento, como pai da escrita que és, por lhe queres bem, apontas-lhe efeitos contrários àqueles que ela manifesta. É que essa descoberta provocará nas almas o esquecimento de quanto se aprende, devido à falta de exercício da memória, porque, confiados na escrita, é do exterior, por meio de sinais estranhos, e não de dentro, graças a esforço próprio, que obterão as recordações. Por conseguinte, não descobriste um remédio para a memória, mas para a recordação. Aos estudiosos oferece a*

aparência da sabedoria e não a verdade, já que, recebendo, graças a ti, grande quantidade de conhecimentos, sem necessidade de instrução, considerar-se-ão muito sabedores, quando são ignorantes na sua maior parte e, além disso, de trato difícil, por terem a aparência de sábios e não o serem verdadeiramente” (1997, p. 120-121).

Mais adiante, ao contrastar essa forma de registro com o discurso vivo e animado do homem sábio, Sócrates fala do “*logos spermatikós*”, a palavra-semente, única capaz de fecundar as almas em condições para recebê-la.

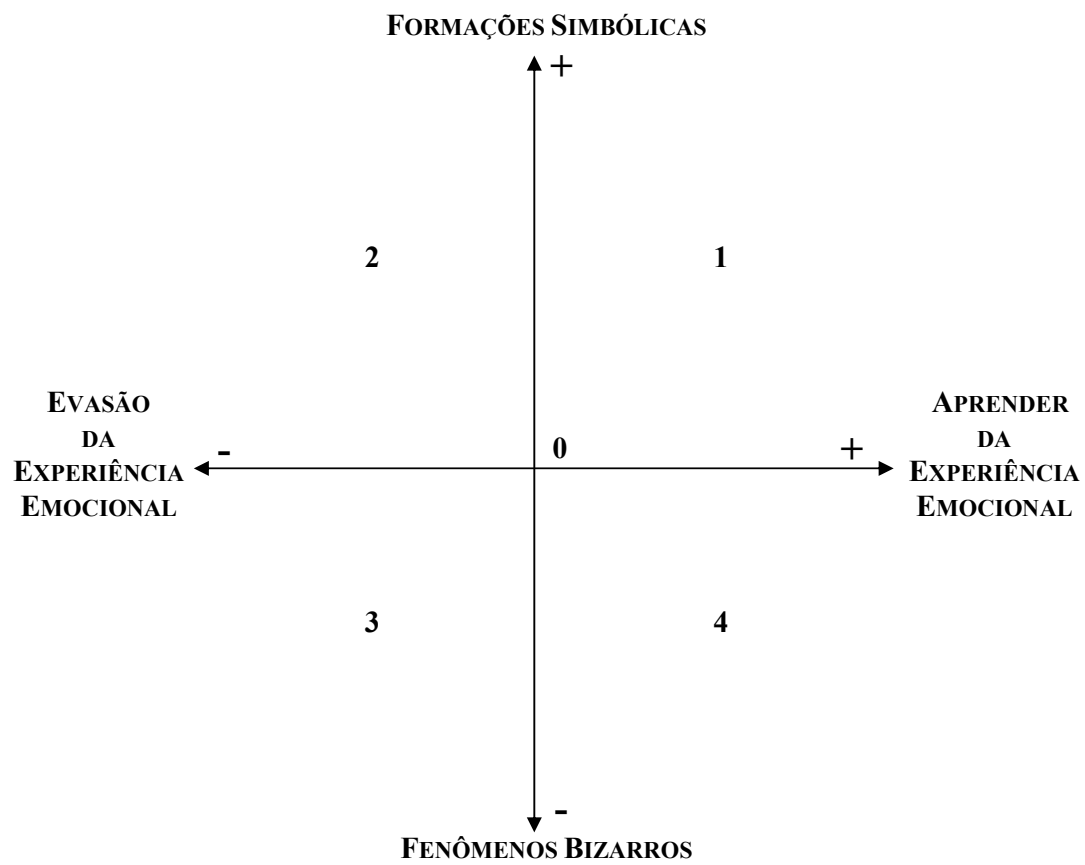
Terapêuticos, para mim, são aqueles momentos na relação analítica nos quais as duas mentes se tornam disponíveis e capazes para acolher e transformar as palavras em *logos spermatikós*, sementes dos sonhos, da imaginação e do brincar. Da vida psíquica criativa enfim.

REFERÊNCIAS

- Bion, WR (1962). Learning from experience. In: *Seven servants*. New York: Jason Aronson, 1977.
- Bion WR (1963). Elementos of psycho-analysis. In: *Seven servants*. New York: Jason Aronson, 1977.
- Bion WR (1965). Transformations. In: *Seven servants*. New York: Jason Aronson, 1977.
- Bion WR (1970). Attention and interpretation. In: *Seven servants*. New York: Jason Aronson, 1977.
- Bion WR (1977). The grid. In: *Two Pspers: The grid and caesura*, p. 9-39. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion WR (1992). Narcissism and social-ism. In: *Cogitations*, p. 122. London: Karnac.
- Borges JL (1979). O livro. In: *Obras completas*. v.4. São Paulo: Globo, 1999.
- Botella C, Botella S (2002). *Irrepresentável: Mais além da representação*. Porto Alegre: Criação Humana.
- Eldeman GM, Tononi G (2000). *A universe of consciousness*. New York: Perseus Books.
- Ferro A (1995). *A técnica na análise infantil*. Rio de Janeiro: Imago.
- Ferro A (2005). *Fatores de doença, fatores de cura: Gênese do sofrimento e da cura psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago.
- Fonagy, PC (1999). Memory and therapeutic action. *Int J Psychoanal* **80**: 215-23.
- Freud S (1900). La interpretacion de los sueños. *Obras Completas*, v. 4-5. Buenos Aires: Amorrortu, 1984.
- Freud S (1914). Recordar, repetir y reelaborar. Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis. *Obras Completas*, v. 12, p. 145-57. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- Freud S (1920). Más allá del principio de placer. *Obras Completas*, v. 18, p. 1-62. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- Freud S (1923). El yo y el ello. *Obras Completas*, v. 19, p. 3-66. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- Freud S (1937a). Análisis terminable e interminable. *Obras Completas*, v. 23, p. 211-54. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.

- Freud S (1937b). Construcciones en el análisis. *Obras Completas*, v. 23, p. 255-70. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- Green A (1995a). La representación de cosa ente pulsión y language. In: *La metapsicología revisitada*, p. 135-53. Buenos Aires: Eudeba, 1996.
- Green A. (1995b). Notas sobre los procesos terciários. In: *La metapsicología revisitada*, p. 185-89. Buenos Aires: Eudeba, 1996.
- Hartke R (2005). A relação terapêutica hoje: para além da transferência, da contratransferência e das representações. *Rev Bras Psicot* 7: 281-293.
- Hartke R (2006). A experiência do brincar e o espaço analítico na psicanálise de adultos. *Rev de Psicanál da SPPA* 13: 287-303.
- Masson JM (1985). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- Meltzer D et al. (1986). *Studies in extended metapsychology. Clinical applications of Bion's ideas*. Perthshire: Clunie.
- Meltzer D (1983). *Vida onírica: Una revisión de la teoría y de la técnica psicoanalítica*. Madrid: Tecnipublicaciones, 1987.
- Modell AN (2000). *Imagination and the meaningful brain*. Cambridge: MIT.
- Ogden TH (1997). *Reverie and interpretation: sensing something human*. Oxford: Rowman & Littlefield, 2004.
- Platão. *Fedro*. Lisboa: Edições 70, 1997. [Tradução José Ribeiro Ferreira].
- Schacter DL (2001). *Os setes pecados da memória: Como a mente esquece e lembra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- Sugarman A (2006). *Mentalization, insightfulness, and therapeutic action: the importance of mental organization*. *Int J Psychoanal* 87: 965-87.
- Winnicott DW (1956). On transference. *Int J Psychoanal* 37: 386-88.
- Winnicott DW (1965). The theory of the parent-infant relationship. In: *The maturational processes and the facilitating environment*, p. 37-55. London: Hogarth.
- Winnicott DW (1968). O jogo do rabisco (Squiggle game). In: Winnicott C, Shepherd T, Davis M, editores. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Winnicott DW (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FIGURA - 1



0 = Fatos não digeridos psiquicamente. Elementos beta.

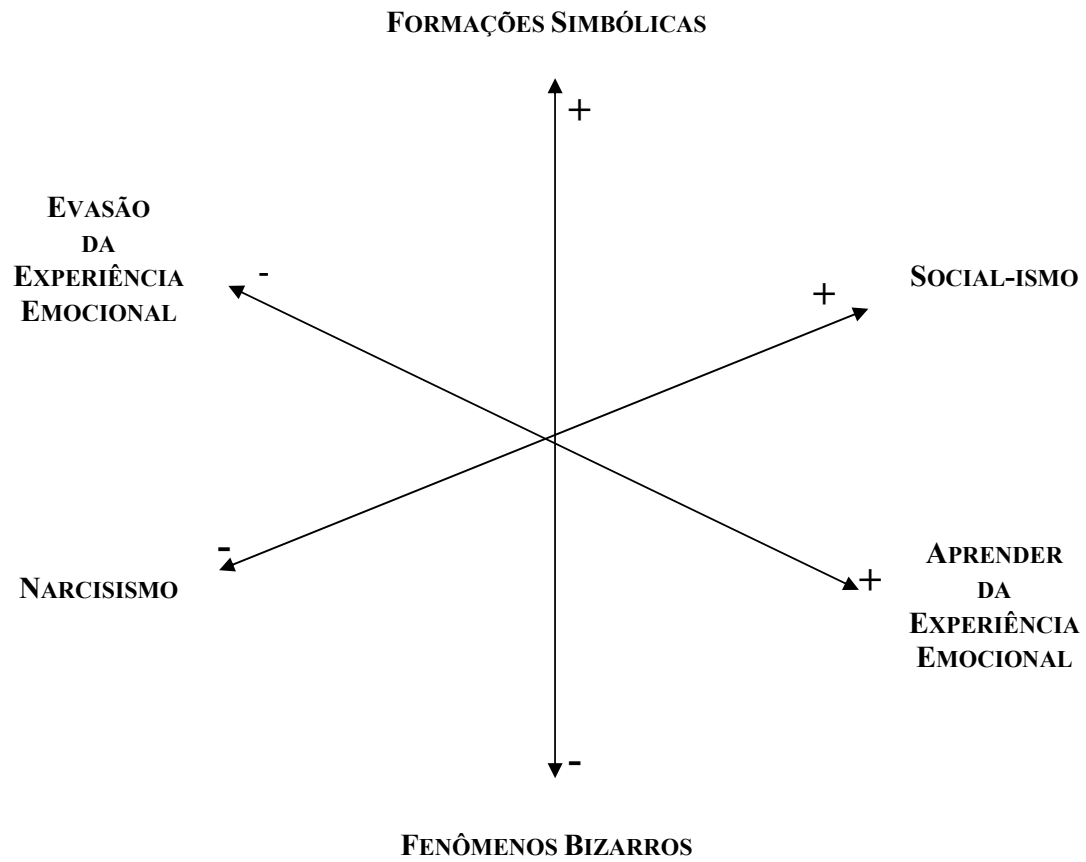
1 = Imaginação criativa.

2 = Defesas neuróticas.

3 = Defesas psicóticas.

4 = ?

FIGURA - 2



Quadrante superior direito posterior = Formações simbólicas usadas para aprender da experiência emocional nas relações íntimas (brincar compartilhado).